



Recebido em: 23/03/2023

Aprovado em: 21/06/2023

Publicado em: 24/07/2023

## A FENOMENOLOGIA COMO POSSIBILIDADE DE RETORNO À QUESTÃO DO SENTIDO DO SER EM GERAL EM HEIDEGGER

### PHENOMENOLOGY AS A POSSIBILITY OF RETURNING TO THE QUESTION OF THE MEANING OF BEING IN GENERAL IN HEIDEGGER

### FENOMENOLOGIO KIEL EBLECO REVENI AL LA DEMANDO PRI LA SIGNO DE ESTI ĜENERALA EN HEIDEGGER

Antonio Joel Lima da Silva<sup>42</sup>

#### Resumo

Buscar-se-á, neste artigo, demonstrar como a fenomenologia-hermenêutica do ser-aí é, segundo Heidegger, a possibilidade ontológica de retomar à questão do sentido do ser em geral em *Ser e Tempo*. Para isso, busca-se compreender o método heideggeriano a partir de uma comparação com a fenomenologia transcendental de Husserl, apontando pontos comuns entre ambas as fenomenologias; para, depois, diferenciá-las ao demonstrar como Heidegger formula o seu próprio método a partir da abordagem fenomenológica aos étimos gregos: *Phainomenon* e *Lógos*. Assim, Heidegger rompe com o conceito formal de fenomenologia pensado por Husserl, e direciona seu método fenomenológico para a hermenêutica da facticidade. Essa diferenciação, portanto, demonstra que a fenomenologia pode ser entendida como a "ciência" dos fenômenos. Isso acontece porque o procedimento fenomenológico, que está embasado na máxima: "voltar às coisas elas mesmas", é, sobretudo, o método que torna explícito o objeto temático da fenomenologia isto é, enquanto método investigativo que deixa e faz ver as coisas a partir de como elas mesmas se mostram, a fenomenologia deve explicitar o ser dos entes, tornando-se, dessa forma, o método que possibilita - não apenas o esclarecimento do objeto ontológico, mas que admita - a recolocação da questão do sentido do ser em geral.

**Palavras-Chave:** Método. Fenomenologia. Ontologia. Lógos.

#### Abstract

This article will seek to demonstrate how the phenomenology-hermeneutics of being-there is, according to Heidegger, the ontological possibility of returning to the question of the meaning of being in general in *Being and Time*. For this, we seek to understand the Heideggerian method from a comparison with Husserl's transcendental phenomenology, pointing out common points between both phenomenologies; to then

<sup>42</sup> Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) - sob a orientação do Professor Dr. Ernani Chaves; Especialista em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pelo Instituto Favani e Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Pará - Uepa. E-mail: antoniojoel167@gmail.com



differentiate them by demonstrating how Heidegger formulates his own method from the phenomenological approach to the Greek etymons: Phainomenon and Lógos. Thus, Heidegger breaks with the formal concept of phenomenology thought by Husserl, and directs his phenomenological method to the hermeneutics of facticity. This differentiation, therefore, demonstrates that phenomenology can be understood as the "science" of phenomena. This happens because the phenomenological procedure, which is based on the maxim: "going back to things themselves", is, above all, the method that makes the thematic object of phenomenology explicit, that is, as an investigative method that lets and makes things see from of how they show themselves, phenomenology must make explicit the being of beings, thus becoming the method that makes possible - not only the clarification of the ontological object, but which admits - the replacement of the question of the meaning of being in general.

**Keywords:** Method. Phenomenology. Ontology. Logos.

### Resumo

Ĉi tiu artikolo klopodos pruvi kiel la fenomenologio-hermeneŭtiko de la estaĵo-ekzistas, laŭ Heidegger, la ontologia ebleco reveni al la demando pri la signifo de esti ĝenerale en Estaĵo kaj Tempo. Por tio, ni serĉas kompreni la Heideggerian metodon de komparo kun la transcenda fenomenologio de Husserl, indikante komunajn punktojn inter ambaŭ fenomenologioj; por poste diferencigi ilin montrante kiel Heidegger formulas sian propran metodon el la fenomenologia aliro al la grekaj etimonoj: Phainomenon kaj Lógos. Tiel, Heidegger rompas kun la formala koncepto de fenomenologio pensita de Husserl, kaj direktas sian fenomenologian metodon al la hermeneŭtiko de fatikeco. Tiu diferencigo, do, pravas ke fenomenologio povas esti komprenita kiel la "scienco" de fenomenoj. Tio okazas ĉar la fenomenologia procedo, kiu baziĝas sur la maksimumo: "reiri al la aferoj mem", estas antaŭ ĉio la metodo, kiu eksplicitas la teman objekton de fenomenologio, tio estas, kiel enketmetodo, kiu lasas kaj faras aferojn. vidi de kiel ili montras sin, la fenomenologio devas ekspliciti la estaĵon de la estaĵoj, fariĝante tiel la metodo kiu ebligas - ne nur la klarigon de la ontologia objekto, sed kiu akceptas - la anstataŭigon de la demando pri la signifo de la estaĵo ĝenerale.

**Ŝlosilvortoj:** Metodo. Fenomenologio. Ontologio. Logos.

### INTRODUÇÃO

Trata-se de demonstrar como a fenomenologia-hermenêutica do ser-aí é, segundo Heidegger, a possibilidade ontológica de retomar à questão do sentido do ser em geral em *Ser e Tempo*. Para isso, entendemos como necessário para a compreensão do método heideggeriano partir de uma comparação com a fenomenologia transcendental de Husserl. Essa comparação dar-se-á a partir de pontos comuns entre ambas as fenomenologias, para, depois, diferenciá-las.

Em âmbito comparativo, buscaremos expor a questão da intencionalidade, ou da consciência intencional de Husserl. Esse conceito representa a ruptura de Husserl com a



concepção metafísica de consciência que concebe a consciência como uma instância psíquica e isolada do objeto. Nesse sentido, a concepção husserliana da consciência intencional permitirá analisarmos a intencionalidade também em Heidegger, a fim de compreendermos o ponto de partida da fenomenologia tanto em Husserl quanto em Heidegger.

A intencionalidade, então, traz ao debate a relação da consciência e o campo objetual, permitindo pensar (consciência e objetos) ambos a partir de uma dependência mútua. Isso consiste em dizer que não há instâncias separadas entre consciência e objeto, pois um forma-se no outro. Este é o conceito base para compreender a intencionalidade e servirá como guia para compreendermos o porquê Heidegger diz que a existência do ser-aí é a própria intencionalidade.

Adiante, será descrito como as bases da fenomenologia são as mesmas tanto para Husserl quanto para Heidegger, sugerindo uma completa aderência do autor de *Ser e Tempo* às bases fenomenológicas de seu professor. Nesse caso, a diferenciação entre os filósofos dar-se-á por via dos sufixos que determinam suas respectivas fenomenologias, a saber: “transcendental” para a fenomenologia de Husserl e “hermenêutica” para a fenomenologia de Heidegger. Assim, a fenomenologia transcendental é o direcionamento que Husserl dá à fenomenologia tendo em mente a consolidação de uma ciência que sirva como base para todo conhecimento, chamando assim a fenomenologia de doutrina universal das essências. Enquanto Heidegger direciona a fenomenologia para a historicidade do *Dasein*, isto é, sua fenomenologia é também uma hermenêutica da facticidade, pois, visa interpretar o ser a partir da história e no horizonte do tempo.

Trata-se, a partir disso, de demonstrar como Heidegger estabelece as bases do seu próprio método fenomenológico ao romper com Husserl ao direcionar sua fenomenologia à hermenêutica da facticidade. Ora, Heidegger tem em vista uma radicalização da máxima fenomenológica que diz: "voltar às coisas elas mesmas", e por isso empreende uma descrição fenomenológica aos étimos gregos: *phainomenon* e *lógos*. Esse direcionamento, portanto, é, sobretudo, a compreensão de que, o método hermenêutico-fenomenológico torna explícito o objeto temático da ontologia, isto é, enquanto método investigativo que deixa e faz ver as coisas a partir de como elas mesmas se mostram, a fenomenologia deve explicitar o ser dos entes, já que, a partir



dessa perspectivam *phainomenon e logos*, em última análise, são a própria descrição da máxima “voltar as coisas mesmas” adicionando-a a frase: versando sobre as coisas somente aquilo que tais coisas nos permitem falar. Em outras palavras: a compreensão fenomenológica do étimo grego *phainomenon* é a volta às coisas elas mesmas, ao passo que a compreensão fenomenológica de *logos* é versar sobre às coisas somente aquilo que elas mesmas permitem que falamos no ato de sua demonstração.

### **A FENOMENOLOGIA EM HEIDEGGER A PARTIR DE HUSSERL**

No § 7 de *Ser e Tempo*, Heidegger descreve seu método fenomenológico a partir de uma abordagem fenomenológica aos conceitos de *φαινόμενον* (fenômeno) e *λόγος* (lógos). Com isso, o filósofo busca esclarecer, a partir destes dois termos, o modo de proceder de sua fenomenologia. Entretanto, para nós, o esclarecimento do proceder fenomenológico de Heidegger necessita, antes de tudo, retomar ao filósofo Edmund Husserl, uma vez que este, além de seu professor, é, também, o criador da fenomenologia e em muito contribuiu para as formulações heideggerianas (TRZAN-ÁVILA, 2020, p. 1151). Este antagonismo servirá como apoio a fim de possibilitar - a partir da aderência e da distinção entre os métodos - uma melhor compreensão da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger a partir de Husserl.

Nesse sentido, antes de qualquer comparação entre os métodos, é necessário tomarmos algumas precauções, a saber: 1) ao trazer Husserl ao debate comparando sua fenomenologia com a de Heidegger, não se quer com isso empreender uma longa discussão que tente levar a cabo toda influência de Husserl sobre Heidegger; 2) nosso objetivo, então, é apenas descrever alguns pontos em comum e divergentes entre as fenomenologias destes dois grandes filósofos, para, com isso, 3) expor os conceitos husserlianos que serviram como base para a elaboração da fenomenologia-hermenêutica de Heidegger.

Assim, analisaremos primeiramente aquilo que ambos têm em comum para depois diferenciá-los. Esse emparelhamento permitirá um esclarecimento sucinto do método investigativo heideggeriano apresentado em *Ser e Tempo*, que se inicia, justamente, com a fenomenologia husserliana; para, depois, sob “[...] o termo-chave de



uma ‘hermenêutica da facticidade<sup>43</sup>’ [se diferenciar da] fenomenologia eidética de Husserl”. (GADAMER, 2002, p. 385-386)

O primeiro ponto em comum entre os filósofos, dá-se através da questão da intencionalidade da consciência – conceito formulado por Husserl em sua fenomenologia e radicalizado por Heidegger em *Ser e Tempo* (TRZAN-ÁVILA, 2020, p. 1151) -, que visa “[...] designar a estrutura geral das nossas vivências – tanto originárias quanto triviais -, levando-o a desempenhar um papel central nas investigações fenomenológicas, qual seja, o de indicar a maneira como a consciência se relaciona com seus objetos no interior de tais vivências”. (LEUER, 2018, p. 23) Assim, a intencionalidade é importante para compreendermos a fenomenologia de Heidegger, pois, segundo Kahlmeyer-Merten (2012, p. 871), com “[...] Husserl, Heidegger aprendeu o método fenomenológico (depois depurado na forma de atitude fenomenológica) e a estrutura que permite este agir orientado pelos fenômenos. A referida estrutura: a intencionalidade.”

Dada a importância do conceito de intencionalidade para o proceder fenomenológico, procuraremos indicar algumas definições esclarecedoras do papel deste conceito tanto na fenomenologia de Husserl quanto na de Heidegger, ou seja, o conceito de intencionalidade é de suma importância para a compreensão de ambas as fenomenologias.

De acordo com Trzan-Ávila (2020), o conceito de intencionalidade da consciência é um ponto de confluência entre Husserl e Heidegger, pois é um conceito guia em ambos os pensamentos e significa uma ruptura com a concepção metafísica de uma consciência onde tudo seria criado de forma estritamente interna e psicológica (DO CARMO, 2013). Para Husserl, então, a consciência seria sempre a consciência de algo e, da mesma forma, os objetos sempre seriam objetos de alguma coisa, conforme segue:

Husserl negou a concepção de que a consciência seria um lugar onde tudo seria construído, um espaço de formatação subjetiva e individual. Ora, se tratando da percepção humana, tendemos a crer que há objetos fora da consciência que ao serem observados geram uma imagem do objeto representado dentro da consciência. Podemos nos perguntar, qual a relação deste objeto com uma imagem deste objeto na consciência? O quanto

<sup>43</sup> Em *Ser e Tempo*, Heidegger descreve o ser-aí como o ente que está aberto à significância dos entes intramundanos que vêm ao seu encontro. A partir disso, entende-se que a Hermenêutica da facticidade é a compreensão do modo em que o *Dasein*/ser-aí se compreende, i. é., como ser-no-mundo.



estamos a conhecer este objeto? Podemos pressupor que este seria um modo também natural de ter acesso às coisas, no entanto, para Husserl não há objeto-em-si, muito menos objetos-representados-na-consciência. O que há é que todo objeto é sempre objeto-para-uma-consciência, por outro lado, não há nunca uma consciência "vazia" ou "passiva" aguardando que os órgãos de percepção a apresentem com um objeto. (TRZAN-ÁVILA, 2020, p. 1151)

Trata-se da maneira em que a consciência tem acesso às coisas. Nesse caso, a ruptura entre a concepção de consciência husserliana e a concepção de consciência na tradição metafísica, dá-se a partir da compreensão de que tanto consciência quanto as coisas estão em um mútuo relacionamento. Esta relação, então, sugere uma interdependência entre a consciência e o objeto, ou seja, a consciência não deve ser compreendida como uma interioridade isolada do objeto, que, em certa medida, estaria apenas esperando as representações das coisas enviadas pelos órgãos de percepção, “[...] pois ela é sempre consciência de algo, é sempre intencionalidade[...], assim, a consciência se mantém sempre em relação a algo; não há antes consciência e depois relação com algo, ela é desde sempre intencionalidade[...]. (TRZAN-ÁVILA, 2020, p. 1151)

A consciência é, para Husserl, sempre consciência posicionada diante de alguma coisa e os objetos sempre coisas percebidas pela consciência, indicando, dessa forma, que

[...] não há mais dualidade entre o sujeito e o objeto, a consciência não pode permanecer sendo concebida como local da mente que desenvolve representações do objeto que lhe é externo, estranho. Não existe uma consciência ou um sujeito puro, para Husserl, faz parte da estrutura da nossa consciência estar sempre dirigida aos seus objetos, de modo que consciência é já consciência de objetos e estes são objetos para a consciência. Não há um sem o outro. (DO CARMO, 2013, p. 118)

Este modo como o objeto revela-se ou alcança mutuamente a consciência é o que nos permitirá relacionar Husserl e Heidegger<sup>44</sup>. Pois, se consciência e objeto são sempre um para o outro de modo que não há um dualismo que admita uma formação individual de qualquer que seja a parte, logo, a noção husserliana de consciência intencional “[...]já aponta para o caráter de jogado da existência humana, compreensão que será ainda mais radicalizada na obra *Ser e tempo*, quando Heidegger afirma que a

<sup>44</sup> Claro que não levaremos a cabo a relação entre Husserl e Heidegger nesta sucinta seção, pois tal relação é complexa e necessitaria de um espaço maior para maiores esclarecimentos. Por ora, nos contentaremos com o *link* sugerido através do conceito de intencionalidade da consciência.



existência é intencionalidade, nesse sentido, não refuta ou supera, mas leva as idéias de Husserl às últimas conseqüências.” (TRZAN-ÁVILA, 2020, p. 1152)

A noção de intencionalidade radicalizada por Heidegger seria o que nos constitui enquanto ser-aí. Em outras palavras: “[...] o ser-aí heideggeriano e suas estruturas existenciais são condições de possibilidade para a consciência e a relação sujeito-objeto conforme preconizado por Husserl. (TRZAN-ÁVILA, 2020, p. 1163) Isso nos permite dizer que a noção de intencionalidade está diretamente ligada à noção de ser-no-mundo descrita por Heidegger em *Ser e Tempo* como a essência do *Dasein*. Ser-no-mundo é o “*a priori*” da interpretação da pre-sença não é uma determinação composta por adição, mas uma estrutura originária e sempre total. (HEIDEGGER, 2005, p. 75) Ser-em um mundo é o ser que se constitui a partir do mundo e apenas nele possui suas determinações existenciais originárias. Dessa forma, a existência do ser-aí sugere que sua relação com o mundo parte da noção de intencionalidade como relação da consciência ou do ser-aí para com as coisas que vêm ao seu encontro no mundo.

A intencionalidade, então, pressupõe o modo de existir jogado para fora do *Dasein*, pois este ente existe como abertura no mundo. Esta abertura, por sua vez, pressupõe sempre um estar lançado para fora de si mesmo, e este estar lançado para fora também vai de encontro com aquilo que Husserl chama de correlatos da consciência, pois “[...] a essência da consciência é ato intencional (intencionalidade) que tem o caráter de jogado para fora dela mesma (*ek-sistere*), junto aos seus correlatos. (TRZAN-ÁVILA, 2020, p. 1155)

Os correlatos indicam que há uma relação não dualista entre consciência e os objetos, e isso é igual tanto em Husserl quanto em Heidegger. Entretanto, dissemos anteriormente que Heidegger não supera ou se desfaz das formulações husserliana, o que acontece é uma radicalização – da parte de Heidegger - das formulações fenomenológicas de seu professor. Assim, no que tange à intencionalidade, a radicalização promovida por Heidegger a este conceito poderia ser descrito da seguinte forma:

Na filosofia de Heidegger, como já vimos, o ser-aí é correspondente fático de uma figura de consciência, figura correlata a um campo objetual que a ele se abre. Na referida correlação, a intencionalidade se revela como a estrutura necessária à correlação entre o ser-aí e os campos de objetos. Diferentemente de Husserl, Heidegger inscreve a intencionalidade na dinâmica da existência



do ser-no-mundo, passa ela, assim, a ser compreendida no âmbito existencial do ser-aí e segundo as interpretações que tal ente faz de sua existência e de seu mundo. (KAHLMAYER-MERTENS, 2012, p. 875)

Dessa forma, a intencionalidade não admite uma dualidade entre consciência e objeto, mas ambos estão um para o outro ao ponto de existirem somente em função do outro, logo, “[...] a consciência, em seu caráter intencional, pressupõe [também] o ser-no-mundo, que é próprio do “Dasein” e do seu existir, o que pressupõe [da mesma forma] o aberto [das *Offene*], a clareira [*Lichtung*] do ser. (FERNANDES, 2015, p. 62)

Nesse caso, um modo de determinar a radicalização do conceito de intencionalidade promovida por Heidegger – e ao mesmo tempo seria uma forma de diferenciação entre a hermenêutica de Heidegger e a fenomenologia reflexiva de Husserl – é a partir do direcionamento que o autor de *Ser e Tempo* dá a este conceito fundamental na sua fenomenologia – e na de Husserl-, pois, como visto, Heidegger insere a correlação entre a consciência intencional e o campo objetual na dinâmica da existência do ser-no-mundo, uma vez que a essência do ser-aí/*Dasein* é esta: estar aberto para o mundo em um movimento de abertura que sempre lança-o para fora de si. Ora, este fora do ser-aí é o próprio mundo possibilitador de suas estruturas mundanas e existenciais; o mundo não é, então, uma aquisição do ser-aí ou uma adição de seu caráter, antes, e sobretudo, o mundo é o caráter existencial do próprio ser-aí, ou seja, a discussão agora está remetida às proposições: consciência é sempre consciência de algo, da mesma forma que o ser-aí só é o que é no mundo.

Isto estando claro, podemos elencar agora as confluências no que tange às fenomenologias de Husserl e Heidegger. Se a intencionalidade diz respeito à relação de dependência entre o homem e o mundo, indicando assim que um só é o que é a partir do outro; então pode-se dizer que a fenomenologia seria a via de acesso que deixa as coisas mostrarem-se a partir delas mesmas sem intermediações psíquicas ou teóricas. Em outras palavras, o método fenomenológico pode ser entendido como o método “[...] de compreensão das coisas mesmas na medida em que os fenômenos se mostram para alguém facticamente e não por uma compreensão prévia teórica. (TRZAN-ÁVILA, 2020, p. 1163)

Neste ponto, no qual a fenomenologia é, antes de tudo, um conceito de método, constata-se um aspecto comum entre a fenomenologia de Heidegger e a de Husserl, a



saber: suas concepções acerca do procedimento fenomenológico subscrevem-se, ou seja, possuem o mesmo fundamento.

Essa confluência entre a fenomenologia heideggeriana e husserliana não representa apenas uma concordância metodológica entre os filósofos. Acima disso, a fenomenologia enquanto um conceito de método significa, sobretudo, que a fenomenologia não é uma “corrente” filosófica e, por isso, ela não defende um ponto de vista. Doravante, ela não está refém de tendências filosóficas e, portanto, não representa exclusivamente a “fenomenologia” husserliana e nem a “fenomenologia” heideggeriana, apesar de que,

[t]endemos com demasiada facilidade a equiparar o termo «fenomenologia», no contexto da obra husserliana, com a análise intencional das vivências de consciência e, no contexto da obra heideggeriana, com a análise existencial do *ái-ser*. Em tal equiparação atendemos insuficientemente ao facto de a fenomenologia não visa primariamente o objecto temático, o «quid temático [*Sachhaltiger Was*] dos objectos da investigação filosófica», mas apenas o seu modo de investigação. (HERRMANN, 2003, p. 160)

A fenomenologia, portanto, é tão somente o modo de investigação tanto na fenomenologia heideggeriana quanto na husserliana; e, dessa forma, não implica tendência filosófica alguma. Nessa perspectiva, Heidegger diz, em *Ser e Tempo*, que apesar da questão do ser em geral caracterizar-se como uma tarefa ontológica, o seu modo de tratamento é fenomenológico, ou seja, o modo de tratar a pergunta sobre o sentido do ser em geral não é tendencioso e, por isso, não busca teorizar possíveis facetas do que seria o ser:

A expressão “fenomenologia” diz, antes de tudo, um conceito de método. Não caracteriza a quiddidade real dos objetos de investigação filosófica mas o seu modo, como eles o são. Quanto maior a autenticidade de um conceito de método e quanto mais abrangente determinar o movimento dos princípios de uma ciência, tanto maior a originalidade em que ele se radica numa discussão com a coisa em si mesma e tanto mais se afastará do que chamamos de artifício técnico, tão numerosos em disciplinas teóricas. (HEIDEGGER, 2005, p. 57)

Se a base da fenomenologia é a mesma para Husserl e Heidegger, os sufixos que determinam as suas fenomenologias, a saber: fenomenologia “reflexiva/transcendental” (Husserl) e “fenomenologia-hermenêutica” (Heidegger) podem nos guiar na compreensão da diferenciação do proceder fenomenológico em cada filósofo. Husserl



(2008) define sua fenomenologia como um método da crítica do conhecimento. Na obra *A Idea da Fenomenologia*, Husserl faz um questionamento acerca de como o conhecimento alcançaria as coisas que existem em si, e como essa consonância entre o conhecimento e as coisas poderia ser efetiva? Tal questionamento é respondido pelo próprio filósofo ao dizer:

Pode já chamar-se teoria do conhecimento à tentativa de tomada de posição científica perante estes problemas. Em todo caso, a ideia de teoria do conhecimento surge como a de uma ciência que resolve as dificuldades aqui em discussão e nos fornece uma intelecção última, clara, por conseguinte, auto-concordante, da essência do conhecimento e da possibilidade de sua afectuação. (HUSSERL, 2008, p. 22)

A fenomenologia seria, segundo Husserl (2008, p. 22) “[...] a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência da essência do conhecimento.” Esse posicionamento da fenomenologia como a ciência da essência do conhecimento, indica-nos que a fenomenologia de Husserl pode ser entendida também como uma crítica da razão, ou fenomenologia transcendental. (GALEFFI, 2000, p. 15)

Sob esse prisma, finalizaremos esta seção apontando aquilo que, enfim, distingue o proceder fenomenológico de Husserl e de Heidegger. Pois, para Husserl a fenomenologia deveria dar rigor às ciências, assim sua “[...] intenção era formular uma ciência rigorosa, que servisse de base para todos os demais conhecimentos.” (MISSAGGIA, 2015, p. 136) Por outro lado, a fenomenologia de Heidegger, segundo Trzan-Ávila (2020, p. 1164), aponta para uma possibilidade interpretativa da historicidade do ser-aí, conforme segue:

Se para Husserl a fenomenologia é a ciência que descreve como as coisas se dão a ver, para Heidegger as coisas se dão a ver historicamente, ou seja, somos constituídos por historicidade, em outras palavras, a fenomenologia de Husserl visa deixar que as coisas "falem por elas mesmas", como elas mesmas se mostram. A fenomenologia de Husserl é uma fenomenologia da consciência que ocorre de modo reflexivo. De outra forma, a fenomenologia de Heidegger é interpretativa (*Auslegend*), é fenomenologia hermenêutica. Ela interpreta o ser do ser-aí (fenomenologia do ser) e o ser dos entes em geral, por uma compreensão hermenêutica da historicidade do ser-aí.

A hermenêutica é o ponto distintivo entre as fenomenologias destes filósofos. Pois, diferente do seu professor, Heidegger não usa a fenomenologia para fundamentar questões epistemológicas, assim como não se trata, segundo Missaggia (2015), apenas



em considerar a possibilidade interpretativa do *Dasein*, mas, antes de tudo, trata-se de buscar determinar um campo originário de compreensão ao *Dasein*, considerando sua historicidade e facticidade. Nesse sentido, “[...] enquanto seres históricos, já estamos desde sempre inseridos em um mundo previamente dotado de significado pela tradição”. (MISSAGGIA, 2015, p. 146) Por isso, a fenomenologia-hermenêutica de Heidegger deve ser o método que possibilite não apenas a compreensão histórica como estrutura existencial do ser-aí, mas, sobretudo, possibilite pensar o fundamento dessa historicidade, ou seja, pensar a questão que fundamenta sua constituição, a saber: a questão do sentido do ser em geral. (MISSAGGIA, 2015)

### A MANIFESTAÇÃO AUTÊNTICA DO FENÔMENO

Está clara, até aqui, a distinção entre as concepções fenomenológicas de Heidegger e de seu professor – mesmo que Heidegger parta inicialmente da base metódica husserliana para formular a sua concepção fenomenológica. No entanto, o caminho trilhado, até aqui, pede, necessariamente, que esse antagonismo (entre Heidegger e Husserl) seja esclarecido a partir da descrição do seria o método hermenêutico-fenomenológico de Heidegger. Isso no sentido de mostrar como a hermenêutica de Heidegger, não apenas se difere do de Husserl, quanto ao acesso à “realidade” dos fenômenos, mas, indica de que maneira o fenômeno, ao manifestar-se, encobre, justamente, aquilo que a ontologia toma como objeto temático, isto é, o ser dos entes.

Tal modo de mostra-se do fenômeno já pressupõe em sua essência (encobre-se ao mostrar-se) a necessidade de uma orientação fenomenológica, e acaba justificando, então, o porquê a ontologia, segundo Heidegger, só seria possível a partir da fenomenologia. Essa ambiguidade do mostra-se do fenômeno faz Heidegger ocupar-se no § 7 de *Ser e Tempo*: em definir os tipos de fenômenos que se apresentam, como se apresentam, e, de que forma, a sua manifestação, enquanto manifestação de um ente (fenômeno), vela/encobre o seu ser:

Ora, o ente [*φαινόμενον*] pode-se mostrar por si mesmo de várias maneiras, segundo sua via e modo de acesso. Há até a possibilidade de o ente se mostrar como aquilo que, em si mesmo, ele não é. Neste modo de mostrar-se, o ente “se faz ver assim como...” Chamamos de *aparecer, parecer e aparência* a esse modo de mostrar-se. (HEIDEGGER, 2005, p. 58)



A partir disso, Heidegger lança um olhar fenomenológico sobre o termo fenômeno, admitindo que ele remete ao étimo grego *phainomenon* (fenômeno), e indicando que existem, por exemplo, outras facetas que podem não manifestar a coisa tal como ela é, ou ainda mostrá-la de forma aparente e, nesse sentido, o mostrar-se do fenômeno é multifacetário, pois, ele manifesta-se como aparecer, parecer e aparência, isto é, “designa um bem, que se deixa e faz ver como se fosse um bem, mas que na “realidade” não é assim como se dá e apresenta.” (HEIDEGGER, 2005, p. 58)

O fenômeno, portanto, e, segundo a terminologia, nunca pode ser uma manifestação absoluta da realidade e/ou da coisa em si, porém, toda manifestação, na verdade, pressupõe sempre um fenômeno. Pois, “[s]omente na medida que algo pretende mostrar-se em seu sentido, isto é, algo pretende ser fenômeno, é que pode mostrar-se como algo que ele mesmo não é.” (HEIDEGGER, 2005, p. 58) Nesse sentido, aparência ou manifestação, mesmo pretendendo e pressupondo um fenômeno, não são, em sua essência um fenômeno, mas apenas pressuposições, bem como diz Heidegger:

Apesar de “manifestação” não ser nunca um mostra-se no sentido de fenômeno, qualquer manifestação só é possível com base no mostrar-se de alguma coisa. Mas este mostra-se que também torna possível a manifestação não é a própria manifestação. Pois manifestar-se é anunciar-se mediante algo que se mostra. Assim, quando se diz que com a palavra “manifestação” indicamos algo que alguma coisa se manifesta sem que seja em si mesma uma manifestação, o conceito de fenômeno não é definido mas pressuposto. (HEIDEGGER, 2005, p. 59)

Nessa perspectiva, a manifestação nunca é um fenômeno, pois, quando algo se manifesta está apenas pressupondo uma outra coisa. E, de acordo com as palavras de Heidegger, “[e]ssa pressuposição, porém, permanece encoberta porque, nessa determinação de “manifestação”, o uso da palavra manifestar-se é ambíguo” (HEIDEGGER, 2005, p. 59). Essa ambiguidade deve ser esclarecida, pois, manifestar-se também, em seu sentido originário, esconde, de certa forma, o verdadeiro sentido do manifestar-se do fenômeno:

A palavra “manifestação” ainda pode significar por si mesmo duas coisas: uma, o manifestar-se no sentido de anunciar-se, como um não mostrar-se em



si mesmo, e outra, o que se anuncia em si mesmo, aquilo que, em seu mostra-se, aponta aquilo que não se mostra. E, por fim, pode-se usar manifestação para dizer o fenômeno em seu sentido autêntico, como um mostra-se. (HEIDEGGER, 2005, p. 60)

Heidegger apresenta indícios do que pensa ser o fenômeno em seu sentido originário, isto é, como um manifestar-se autêntico. Ora, a manifestação originária consiste no mostrar-se em si do fenômeno. Por isso, a interpretação de Heidegger sobre o termo fenômeno afunila-se de certo modo que, para que se chegue a compreender o que seria o sentido autêntico do manifestar-se do fenômeno, deve-se, primeiramente, distinguir e esclarecer os conceitos de mera manifestação e de manifestação enquanto o anunciar-se de si mesmo do fenômeno. Sendo assim, Heidegger faz uso de um exemplo para demonstrar o que seria a manifestação, dizendo que

[é] muito corrente falar-se de uma manifestação de uma doença. O que se tem em mente são ocorrências que se manifestam no organismo e, ao se manifestarem, “indicam” algo que em si mesmo não se mostra. O aparecimento dessas ocorrências, o seu mostrar-se, está ligado a perturbações e distúrbios que em si mesmo não se mostram. Em consequência, manifestação enquanto manifestação de alguma coisa não diz um mostrar-se a si mesmo, mas um anunciar-se de algo que não se mostra. Manifestar-se é um não mostrar-se. (HEIDEGGER, 2005, p. 59)

Nesse sentido, a mera manifestação (assim como discutido anteriormente) é o traço que anuncia e/ou pressupõe o fenômeno, porém, nunca é o fenômeno em si mesmo. Esta sentença, portanto, que diz não ser a mera manifestação o fenômeno em si mesmo, nos dá o caminho hermenêutico para a compreensão e distinção entre as duas concepções de manifestação apontadas por Heidegger a partir da assertiva do em si mesmo. Isto é, o fato de que a manifestação enquanto mera manifestação de um fenômeno nunca é o próprio fenômeno, mas sempre o seu anúncio, e, em oposição a isso, a manifestação originária do fenômeno se dá nele mesmo como um mostrar-se a si mesmo, significa que o fenômeno manifesta-se de duas formas: como anúncio e/ou em si mesmo.

Desse modo, somente a manifestação que mostra o fenômeno em si mesmo, pode ser considerada pela fenomenologia como via interpretativa para a abordagem do fenômeno enquanto tal. Visto dessa forma, entende-se que, fenomenologicamente, “retornar às coisas elas mesmas” é abordar de forma direta o fenômeno mesmo em seu



anúncio referencial, e, assim, despojar-se de artifícios técnicos. Destarte, uma manifestação autêntica que guarda o mostrar-se em si mesmo do fenômeno aponta diretamente para a máxima fenomenológica da “volta às coisas mesmas”; implicando, desse modo, no esclarecimento da ambiguidade que o termo “manifestação” apresenta quando ainda não se compreendeu as facetas fenomênicas que envolvem a correlação de aparecer, parecer e aparência. Por isso, então, Heidegger afirma:

[...] o mostrar-se em si mesmo, significa um modo privilegiado de encontro. *Manifestação*, ao contrário, indica no próprio ente uma remissão referencial, de tal maneira que o referente (o que anuncia) só pode satisfazer a sua possível função de referência se for um “fenômeno”, ou seja, caso se mostre em si mesmo. Manifestação e aparência se fundam, de maneira diferente, no fenômeno. Essa multiplicidade confusa dos “fenômenos” que se apresenta nas palavras fenômeno, aparência, aparecer, manifestação, mera manifestação, só pode deixar de nos confundir quando se tiver compreendido, desde o princípio, o conceito de fenômeno: o que se mostra *em si mesmo*. (HEIDEGGER, 2005, p. 61)

Nesse sentido, Heidegger (2005), ao definir a compreensão do fenômeno como aquilo que se mostra “em si mesmo”, acaba por esclarecer as multifaces do fenômeno como o encontro estrutural privilegiado que une a manifestação originária e a aparência. Isso indica que, se há algo que anuncia o fenômeno, então, necessariamente deve existir o anunciado, a saber, o fenômeno como tal. Isso significa, portanto, que a manifestação precisa, enquanto anúncio daquilo que ela mesma encobre, de um referencial que a confirme enquanto anunciante, isto é, o fenômeno enquanto tal.

Sendo assim, e, uma vez que se esclareceu a ambiguidade presente no termo “manifestação”, logra-se a compreensão necessária do caminho fenomenológico que investiga o próprio fenômeno em si mesmo, isto é, a maneira que a fenomenologia procede ao investigar o ente é, necessariamente, um ato hermenêutico, pois, o fenômeno só pode ser apreendido a partir de interpretações acerca de seu mostra-se em si mesmo. Contudo, antes de descrevermos como, de fato, a fenomenologia é o método que possibilita o objeto temático da ontologia, é necessário pôr em discussão o significado fenomenológico de *lógos*.



### O conceito de lógos enquanto discurso do ente

Posto, então, que a maneira de proceder da fenomenologia consiste na sua abordagem direta ao fenômeno que se manifesta autenticamente, e essa abordagem compreender o fenômeno em si mesmo. Deve-se agora - para compreendermos preliminarmente o método fenomenológico heideggeriano - buscar esclarecer, fenomenologicamente, o conceito de lógos, a partir de sua raiz grega *lógos*.

Isso se faz necessário porque, para Heidegger, a fenomenologia é, essencialmente, a “ciência” dos fenômenos, uma vez que sua tarefa é interpretar, hermeneuticamente, o fenômeno em sua manifestação autêntica e, isso implica esclarecer o *lógos* fenomenológico que corresponde ao discurso acerca do fenômeno.

Heidegger, ao fazer isso, acredita afastar-se ainda mais do conceito formal de fenomenologia elaborado por Husserl, uma vez que esclarecer fenomenologicamente os termos fenômeno e lógos, significaria elucidar como a fenomenologia não é apenas o método presente nas ciências – como pensava Husserl -, mas, também, o método que possibilita tematizar o ser dos entes como objeto da filosofia:

Ao procurar apreender os objetos como entes que possuem diferentes modos de ser e analisá-los sobre esse viés, a fenomenologia acaba por converter-se em um estudo ontológico. De fato, essa relação é o que garante os próprios fundamentos para a investigação ontológica, pois é somente através da fenomenologia que a ontologia correspondente é estabelecida em uma base firme e mantida em um percurso ordenado no tratamento dos problemas. (MISSAGGIA, 2015, p. 139)

Nessa perspectiva, segundo Missaggia (2015), a fenomenologia passa a ser, em sua essência, o método que permite a investigação acerca do ser dos entes e, conseqüentemente, é o único método possível para a colocação da questão do ser em geral de forma segura. Nesse sentido, é essencialmente importante - antes de adentrar em qualquer discussão concernente a maneira como Heidegger empreende a investigação acerca do ser - definir alguns dos aspectos metodológicos que envolvem a compreensão de sua hermenêutica do ser-aí. Sendo que essa compreensão passa, intrinsecamente, pelo esclarecimento dos termos fenômeno e lógos, bem como Heidegger diz:

[f]enômeno e logos; ambos remontam a étimos gregos: *φαινόμενον* e *λόγος*. Exteriormente, o termo fenomenologia corresponde, no que respeita a sua formação, à teo-logia, bio-logia, sócio-logia, termos que se traduzem por



ciência de Deus, da vida, da sociedade. Fenomenologia seria, portanto, *a ciência dos fenômenos*. (HEIDEGGER, 2005, p. 57)

Dessa forma, *phainomenon* e *lógos* correspondem ao ente (fenômeno) e ao discurso sobre o ente (*lógos*) e, conseqüentemente, à fenomenologia, que por sua vez é o modo de tratamento presente nas demais ciências. Essa proposição de Heidegger acerca do termo preliminar de fenomenologia aproxima o modo de proceder fenomenológico e a abordagem empreendida pelas ciências aos seus respectivos objetos temáticos. Sugere-se, a partir disso, que teo-logia e bio-logia, enquanto ciências, ao estabelecerem um diálogo direto com seus respectivos objetos de estudos, a saber, Deus e vida, partem, essencialmente, de um princípio fenomenológico.

Todavia, para Heidegger, existe uma diferença crucial entre as ciências e a fenomenologia, a saber, as ciências como: teo-logia e bio-logia trazem em sua composição etimológica seus respectivos objetos temáticos, ou seja, evocam em seu étimo sua especificidade no que respeita ao seu objeto de estudo. A fenomenologia, ao contrário disso, e, como visto anteriormente, não possui tal especificidade temática, mas estuda os entes/fenômenos e os descreve a partir deles mesmos e de como se mostram. Ora, o afunilamento que Heidegger provoca ao que podemos chamar de ontologia-fenomenológica, consiste na indefinição de seu objeto temático; isso porque em qualquer que seja a ciência, o objeto a ser estudado em seus domínios deve necessariamente ser explícito. Assim, há sempre uma pré-definição por parte das ciências quanto aquilo/o fenômeno a ser abordado. Em contrapartida, na ontologia-fenomenológica, o próprio ser é o objeto a ser estudado, bem como diz Heidegger:

O termo “fenomenologia” tem, portanto, um sentido diferente das designações como teologia etc. Estas evocam os objetos de suas respectivas ciências, em seu conteúdo quidditivo. O termo “fenomenologia” nem evoca o objeto de suas pesquisas nem caracteriza o seu conteúdo quidditivo. A palavra se refere exclusivamente ao modo como se demonstra e se trata o que nesta ciência deve ser tratado. (HEIDEGGER, 2005, p. 65)

A fenomenologia determina, portanto, o modo de tratamento dos fenômenos, e isso implica a essência da investigação científica, uma vez que a fenomenologia não possui objeto temático, mas o próprio ato investigativo, presente em todas as ciências,



representa a necessidade de se tratar as questões que envolvem as ciências e seus respectivos objetos de modo fenomenológico.

Nessa perspectiva, do mesmo modo que, anteriormente, o termo *phainomenon* foi discutido à luz da fenomenologia - e constatou-se a necessidade de distinguir o conceito preliminar de fenômeno e o termo original *phainomenon* (fenômeno), para, então chegar ao conceito fenomenológico de fenômeno, isto é, ao manifestar-se autêntico do fenômeno em si mesmo -, discutir-se-á, da mesma forma, o significado de *lógos*.

Em Platão e Aristóteles, o conceito de *lógos* é polissêmico e, de tal modo, que os vários significados tendem a se dispersar, sem a orientação positiva de um sentido básico. Mas, de fato, isso é somente uma aparência que se há de manter enquanto não se puder apreender devidamente o conceito primordial de sua significação básica. (HEIDEGGER, 2005, p. 62)

O termo *lógos*, então, possui, assim como o termo fenômeno, múltiplas significações que, de certa forma, acabam afastando-o de seu conceito primordial. Nesse sentido, observa-se que, assim como houve na investigação fenomenológica do termo fenômeno, há, da mesma forma, um esforço hermenêutico da parte de Heidegger para chegar ao significado primordial de *lógos*. Ou seja, considerando todos os desvios e interpretações arbitrárias acerca da palavra *lógos*, deve-se, então, tentar clarear o seu significado original:

Quando dizemos que o significado básico de *lógos* é discurso, essa tradução literal só terá valor completo quando se determinar o que é um discurso. A história posterior do significado da palavra *lógos* e, sobretudo, as interpretações diversas e arbitrárias da filosofia posterior encobrem continuamente o sentido próprio de discurso, que é bastante claro. Desse modo, se “traduz”, o que sempre quer dizer, interpreta-se, *lógos* por razão, juízo, conceito, definição, fundamento, relação, proporção. Mas como poderia o discurso modificar-se tanto para que *lógos* significasse tudo isso e, justamente, no uso de uma linguagem científica? (HEIDEGGER, 2005, p. 62)

Dessa forma, interpretar o ser dos entes implica discursar sobre o ente, e discursar, no sentido fenomenológico, não é nada mais do que a investigação que corresponde ao *lógos* de qualquer ciência, conforme diz Heidegger:



Como discurso, *lógos* [...] revelar aquilo de que trata o discurso. [...] O *lógos* deixa e faz ver aquilo sobre o que se discorre e o faz para quem discorre (médium) e para todos aqueles que discursam uns com os outros. O discurso “deixa e faz ver” [...] a partir daquilo sobre o que discorre. O discurso autêntico é aquele que retira o que diz daquilo sobre que discorre de tal maneira que, em seu discurso, a comunicação discursiva revele e, assim, torne acessível aos outros, aquilo sobre que se discorre. (HEIDEGGER, 2005, p. 62-63)

Nesse sentido, *lógos* é a maneira originária de discorrer sobre algo, em outras palavras, discorrer sobre alguma coisa implica, estritamente, descrever a coisa a partir daquilo que ela se revela. Pensando dessa forma, então, o *lógos* em sua raiz grega, traz a compreensão das coisas (fenômenos) tal como elas são através do discurso sobre elas. E isso significa que, todo e qualquer discurso sobre algo, precisa, necessariamente, dizer e comunicar exatamente aquilo que a coisa discursada permite que se fale dela, isto é, a maneira em que o fenômeno em si se mostra/manifesta é o que possibilita o discurso sobre ele mesmo.

Por isso, entende-se que fenômeno e *lógos* correspondem – se tomarmos como exemplo de ciência a teo-logia e a bio-logia - ao objeto temático e ao discurso sobre o objeto, indicando, assim, que a fenomenologia entendida a partir dos termos *phainomenon* (fenômeno) e *lógos*, pode ser considerada como a “ciência” dos fenômenos, por tratar e discursar sobre os entes (fenômenos). Desse modo, pode-se observar que, mesmo nesse momento – em que se discute a significação originária de *lógos* – o método hermenêutico-fenomenológico está em pleno exercício, uma vez que Heidegger, ao problematizar acerca da real significação do conceito de *lógos*, está, dessa forma, tomando-o como fenômeno linguístico e lançando sobre ele um olhar fenomenológico.

Assim sendo, logra-se o conceito fenomenológico entendido por Heidegger, a saber: deixar ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo. Este conceito parte de uma determinação vulgar e preliminar encontrada ainda nos métodos de abordagem dos fenômenos das ciências positivas, mas, que, por exigência da máxima que lhe dá o parâmetro de procedência, impede que esses métodos “fenomenológicos” das ciências, tal qual como Husserl pretendeu, e por possuírem temáticas específicas, sejam considerados por Heidegger como fenomenologias no sentido fenomenológico, propriamente dito.



Essas circunstâncias, então, tornam necessária a busca empreendida por Heidegger por um conceito fenomenológico que, ao respeitar a máxima que prescreve a volta às coisas elas mesmas, pudesse, também, ascender para um âmbito ontológico e fáctico, não impondo um objeto à ontologia, pois, essa já possui seu respectivo objeto temático, mas dando condições investigativas à ontologia que a partir do método hermenêutico-fenomenológico pode, enfim, problematizar sobre a questão filosófica fundamental, isto é, a questão do sentido do ser em geral.

## A ONTOLOGIA COMO FENOMENOLOGIA

Heidegger diz, no final do parágrafo metodológico de *Ser e Tempo*, que a ontologia só é possível como fenomenologia. Essa afirmação, no entanto, pode ser entendida como uma clara oposição ao método husserliano, uma vez que Husserl pretendia, segundo Missaggia (2015), resolver a crise epistemológica presente nas ciências positivas e, por isso, entende-se que

[o] ponto fundamental que levou Husserl à formulação do método fenomenológico foi a busca por uma fundamentação transcendental do conhecimento. Nesse sentido, sua concepção de fenomenologia é clara: deve se tratar de uma “ciência que fundamente com radical autenticidade” e de uma “ciência universal”. (MISSAGGIA, 2015, p. 137)

Dessa forma, se perguntarmos como a proposição de Heidegger de que a ontologia<sup>45</sup> só é possível como fenomenologia pode significar uma oposição à fenomenologia de Husserl? A pergunta tem sua resposta na decomposição etimológica do termo “fenomeno-logia” que implica os étimos gregos *phainomenon* (fenômeno) e *lógos* em seus sentidos fenomenológicos, isto é, tal qual como os gregos originalmente lhes conceberam. E, desse modo, “fenômeno-logia” se exprime como “deixar fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal qual como se mostra a partir de si mesmo” (HEIDEGGER, 2005, p. 65), portanto, a oposição anteriormente constatada entre

<sup>45</sup> É importante que se compreenda que a fenomenologia heideggeriana junto à hermenêutica possui uma função de contramovimento em relação à ontologia tradicional - conhecida também como metafísica tradicional. Assim, o que Heidegger está estabelecendo em *Ser e Tempo* nada mais é do que uma mudança de paradigma que contraria com sua ontologia fenomenológica todo o pensamento anterior, ou seja, contraria toda metafísica tradicional, inclusive a própria fenomenologia de Husserl.



Heidegger e Husserl contrapõe ontologia, no sentido histórico (Heidegger) e Epistemologia, no sentido transcendental (Husserl).

Desse modo, pode-se inferir que, em Husserl, a Fenomenologia possui cunho epistemológico e empreende uma redução reflexiva do mundo ao “eu transcendental” a partir da evidência apodítica que visa acessar à “realidade” do fenômeno tal como ele mesmo se dá, desconsiderando, assim, qualquer possibilidade interpretativa acerca da “realidade” fenomênica, isolando o fenômeno ao modo como a intenção da consciência o recepciona. (GALEFFI, 200)

Ao contrário disso, Heidegger direciona a Fenomenologia à questão que ele mesmo considera como a principal questão filosófica: a questão do sentido do ser em geral. Todavia, esse direcionamento empreendido por Heidegger que implica fenomenologia à ontologia, deve ser elucidado com o máximo de cuidado, pois, Heidegger não introduz o método fenomenológico à disciplina “ontologia” que corresponde à metafísica tradicional, antes, o método hermenêutico-fenomenológico age em um duplo movimento que primeiro promove a desconstrução (*Dekonstruktion*) dos conceitos metafísicos tradicionais para depois ressignificá-los (*resigniere*) à luz da sua fenomenologia-hermenêutica, erigindo, assim, sua ontologia fundamental.

Posto isso, deve-se agora buscar compreender como a ontologia só é possível enquanto fenomenologia, a partir das palavras do próprio Heidegger:

A fenomenologia é a via de acesso e o modo de verificação para se determinar o que deve constituir tema da Ontologia. *A ontologia só é possível como fenomenologia.* O conceito fenomenológico de fenômeno propõe, como o que se mostra, o ser dos entes, o seu sentido, suas modificações e derivados. (HEIDEGGER, 2005, p. 66)

Assim, a fenomenologia é, segundo Heidegger (2005), o método que determina e aponta aquilo que deve ser constituído tema da ontologia. Pois, a fenomenologia, enquanto discurso (*lógos*) do ente (fenômeno), é o método que deixa ver o fenômeno de acordo como este se mostra. Mas afinal, o que se mostra no fenômeno? Ou melhor, o que a fenomenologia deve explicitar em sua abordagem ao fenômeno? A resposta a essa pergunta é o que possibilitará - não só o esclarecimento e compreensão de todos os passos metodológicos hermenêuticos aplicados até aqui, mas - o desenvolvimento deste trabalho, no que diz respeito à discussão do método heideggeriano.



Nesse sentido, para responder às questões levantadas anteriormente é necessário voltar a atenção ao próprio conceito de fenomenologia, uma vez que a fenomenologia, enquanto a “ciência” dos fenômenos, estuda o fenômeno e sua manifestação.

Todavia, o fenômeno estudado pela fenomenologia não se encontra na mera manifestação do fenômeno, pois, se pensarmos que a mera manifestação do fenômeno encobre, justamente, aquilo que ela anuncia enquanto manifestação de alguma coisa, chegaremos à seguinte pergunta: o que a manifestação do fenômeno encobre, uma vez que, ao manifestar-se, a manifestação é apenas o anúncio daquilo que ela mesma encobriu? É notório que todas as questões levantadas, anteriormente, resumem-se nesta última. Sendo assim, responder essa pergunta, é lograr também a resposta acerca daquilo que a fenomenologia deve explicitar. Isso fica claro nas palavras de Heidegger:

O que será que a fenomenologia deve “deixar e fazer ver”? o que é que se deve ser chamando de “fenômeno” num sentido privilegiado? O que, em sua essência, é necessariamente tema de uma de-monstração explícita? Justo o que não se mostra diretamente e na maioria das vezes e sim se mantém velado frente ao que se mostra diretamente e na maioria das vezes, mas, ao mesmo tempo, pertence essencialmente ao que se mostra diretamente e na maioria das vezes a ponto de constituir o seu sentido e fundamento. (HEIDEGGER, 2005, p. 66)

Por conseguinte, aquilo que a fenomenologia deve explicitar é, justamente, aquilo que a manifestação do fenômeno encobre e que, segundo Heidegger, também constitui o sentido e o fundamento do fenômeno. Assim, portanto, as três perguntas que Heidegger faz acerca daquilo que, fenomenologicamente, deve ser explicitado, possuem uma única resposta, em outras palavras: aquilo que deve ser chamado de fenômeno privilegiado e que por encobrir-se na maioria das vezes, possui em sua essência a necessidade de uma autêntica “de-monstração” é o ser dos entes.

Como a fenomenologia poderia explicitar o ser dos entes? E mais: seria ele passível de demonstração? Acerca disso, é pertinente analisar as seguintes palavras acerca do ser:

[O ser] não pode ser demonstrado, porque para isso seria necessário recorrer a algo mais geral que o próprio ser. O ser só pode ser mostrado. Esse processo de “mostração” do ser enquanto fenômeno primordial que se vela e se dissimula no aparecer dos entes coincide com o conceito de fenomenologia como provisoriamente a entende Heidegger. (ZUBEN, 2011, p. 92)



Como visto, o ser não pode ser demonstrado, exposto ou evidenciado. Isso significa que ainda vigora a pergunta de como a fenomenologia poderia explicitar o ser? Todavia, a resposta a essa pergunta nos é dada por Zuben (2011), ao afirmar que o processo de “mostração” do ser coincide com o conceito de fenômeno entendido por Heidegger.

Tem-se, então, no fenômeno o binômio que corresponde à natureza do ser, isto é: o mostrar-se do fenômeno que é, ao mesmo tempo, um ocultamento, corresponde ao mostrar-se do ser que é, da mesma forma, um velamento. Porém, como compreender essa dupla “face” do ser que ora se manifesta, ora se oculta? Zuben (2011), nos dá um apontamento acerca da compreensão do manifestar-se do ser quando diz que o ser só pode ser mostrado.

O mostrar-se, entretanto, não é um mostrar-se qualquer, e não é também uma manifestação, “[o] ser dos entes nunca pode ser uma coisa ‘atrás’ da qual esteja outra coisa que não se manifesta” (HEIDEGGER, 2005, p. 66). Isto é, o ser dos entes nunca pode ser um anúncio de algo mais fundamental que ele mesmo, pois, segundo Heidegger, ele mesmo é o fundamento dos fenômenos.

Nesse sentido, segundo Zuben, o desvelamento/velamento do ser vai de encontro com a definição fenomenológica de fenômeno desenvolvida por Heidegger no parágrafo metodológico de *Ser e Tempo*, que diz haver uma dupla faceta no mostrar-se do fenômeno em que, ao mesmo tempo que o mostra, também o encobre, ou seja: o fenômeno pode “designa um bem, que se deixa e faz ver como se fosse um bem, mas que na “realidade” não é assim como se dá e apresenta.” (HEIDEGGER, 2005, p. 58) Desse modo, portanto, o fenômeno – assim como o ser - possui um duplo movimento de mostrar-se tal como é, e encobrir-se enquanto manifestação, bem como diz Zuben (2011, p. 94):

Em acréscimo, ocorre até mesmo a possibilidade de que venha um ente a se mostrar como aquilo que ele próprio não é. Portanto, neste primeiro momento da análise, já se pode ver que fenômeno tanto pode designar aquilo que em si mesmo se mostra, quanto às maneiras como se mostra, segundo o modo de acesso em direção a ele. Neste último sentido, fenômeno designa a aparência onde constantemente a verdade dos entes se dissimula ou pode mesmo se ocultar. Devemos notar, entretanto, que o fenômeno enquanto aparência supõe o fenômeno original e nele se fundamenta. Paradoxalmente, é por ser o



fenômeno aquilo que em si mesmo se mostra, que pode ele tornar-se uma simples aparência e se ocultar.

Dessa forma, a indicação apontada por Zuben que compara a dupla faceta do fenômeno com o mostrar-se e ocultar-se do ser, é esclarecedora no que diz respeito à compreensão de como a fenomenologia determina e constitui aquilo que deve ser o tema da ontologia, confirmando, assim, a proposição de Heidegger acerca da dependência fenomenológica da ontologia, ou seja, a ontologia só é possível como fenomenologia.

## **CONCLUSÃO**

Esta discussão metodológica nos permitiu compreender o porquê Heidegger formula o seu próprio conceito de fenomenologia e o porquê ele direciona seu método à ontologia. No entanto, para tal, foi necessário trazer ao debate alguns aspectos da fenomenologia transcendental de Edmund Husserl, professor de Heidegger e com quem o autor de *Ser e Tempo* aprendeu as intuições fenomenológicas. Nesse caso, Husserl serviu de parâmetro comparativo durante todo percurso deste artigo, sendo o ponto de partida para todas as demais inferências.

Assim, o início da discussão trouxe apontamentos que demonstram alguns aspectos em comum entre Husserl e Heidegger, como a intencionalidade e a questão da base metodológica entendida a partir da máxima da volta as coisas elas mesmas. A intencionalidade, nesse caso, apresentou-se de grande importância na tentativa inicial de comparar os métodos, pois ela permitiu relacionar a questão da consciência intencional de Husserl e a questão da existência mundana do ser-aí de Heidegger. A partir desse ponto, as bases fenomenológicas foram comparadas e percebeu-se que são as mesmas em ambos os filósofos, constatou-se, então, que a aderência de Heidegger ao método husserliano deu-se em sua totalidade.

A diferenciação foi descrita a partir do direcionamento dado por cada filósofo. Assim, Husserl direcionou a fenomenologia para questões epistemológicas, como a necessidade de consolidar a filosofia enquanto ciência base para dar validade ao todo conhecimento. Já Heidegger, apesar de admitir a fenomenologia como ciência dos fenômenos, portanto, de alguma forma admite também a fenomenologia como base para



toda ciência enquanto âmbito investigativo que estabelece um diálogo com o ente, direciona a fenomenologia para questões antológicas-existenciais, em outras palavras: para a historicidade a fim de interpretar as bases conceituais engendradas na história do próprio ser-aí e, com isso, a partir da ressignificação do legado metafísico formar um campo de compreensão e interpretação seguro para o *Dasein*.

Entendeu-se essa necessidade de Heidegger ao direcionar a fenomenologia à ontologia a partir da própria maneira em que o fenômeno e o ser dos entes mostra-se, isto é, de modo ambíguo. Essa ambiguidade é o ao mesmo tempo o que dificultou o próprio desenvolvimento da questão do ser no âmbito metafísico.

E é por isso que a questão do ser é uma questão fenomenológica, ou seja, o fato do ser possuir por natureza dar-se ao homem em um duplo sentido de velamento e desvelamento, faz da questão do ser uma questão ontológica e fenomenológica, uma vez que a máxima fenomenológica significa deixar que os fenômenos mostrem-se como eles mesmos são, para a partir dessa apreensão discorrer sobre o que elas permitem que digam delas (lógos). Nesse caso, tal modo de manifestação do fenômeno por ser multifacetário, requer e necessita que a via de acesso a ele seja fenomenológico, assim como o ser dar-se e encobre-se ao manifestar-se, e, por isso, requer e necessita de um trato fenomenológico, sugerindo, então, que a ontologia só é possível como fenomenologia.

## REFERÊNCIAS

DO CARMO, Ísis Nery. Heidegger e Husserl: a apropriação da noção de intuição categorial pela analítica existencial. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 8, n. 2, p. 118-126, 2013.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Intencionalidade e evidência em Heidegger. **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, v. 3, p. 53-63, 2015.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GALEFFI, Dante Augusto. O que é isto—A fenomenologia de Husserl. **Ideação**, v. 5, p. 13-36, 2000.

**IΦ-Sophia**Revista eletrônica de investigação  
filosófica, científica e tecnológica.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** [1927]. Trad. bras. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

HERRMANN, Friedrich-Willhelm von. A idéia de fenomenologia em Heidegger e Husserl: fenomenologia hermenêutica do aí-ser e fenomenologia reflexiva da consciência. Tradução de P. Sobral Pignatelli. Coordenação científica, anotação e revisão da tradução de Irene Borges-Duarte. In: **Separata da revista Phainomenon**, v. 7, p. 157-194, 2003.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da Fenomenologia**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.

LAUER, Luís Felipe Netto et al. A questão da intencionalidade em Husserl e Heidegger: caminhos e descaminhos. **Universidade Estadual do Oeste do Paraná**. 2008.

MISSAGGIA, Juliana. Heidegger e a transformação da fenomenologia: a aproximação da hermenêutica e o afastamento de Husserl. **Revista Ágora Filosófica**, v. 1, n. 1, p. 135-148, 2015.

TRZAN-ÁVILA, Alexandre. Encontros e Desencontros entre o Pensamento de Husserl e Heidegger: Fenomenologia em Movimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 4, p. 1149-1169, 2020.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S. Intencionalidade: estrutura necessária a uma psicologia em bases fenomenológicas. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 12, n. 3, p. 867-882, 2012.

ZUBEN, Newton Aquiles von. A Fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. **Trans/form/ação**, v. 34, n. 2, p. 85-102, 2011.